



Eriziane de Moura Silva Rosa¹

RESUMO

Esse artigo faz parte das reflexões desenvolvidas através dos encaminhamentos propostos pelo Programa de Pós-graduação em História – Mestrado Profissional, da Unidade Acadêmica Especial História e Ciências Sociais/UFG/Regional Catalão. Busca refletir sobre as práticas de Ensino de História enquanto instrumento estratégico de formação de consciência de alunos e alunas no ensino básico através de relato de experiência vivenciado nas aulas de História no ano de 2014 em uma turma do 1º ano do Ensino Médio. Procurou através da inserção de metodologia de trabalho voluntariado em comunidades carentes estabelecer uma relação de proximidade entre discentes, docente e comunidade, no intuito de multiperspectivar conhecimentos históricos e abrir diferentes possibilidades de apreensão dos conhecimentos propostos pelo currículo de História.

Palavras chave: História; Escola; Ensino; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Entendendo que a escola deve ser um lugar que privilegia o ser humano em todas as suas dimensões e necessidades. Um espaço dinâmico, inquieto, onde se pensa, se cria e se produzem conhecimentos que possibilitem aos sujeitos transformações inovadoras e desenvolvimento de uma consciência crítica do espaço que estão inseridos. E acreditando que a postura dos/as professores/as nas ações coletivas do dia a dia escolar no embate direto com alunos/as e com toda a comunidade escolar pode fazer a diferença, tecendo caminhos para a construção de conhecimentos que possibilite diferentes perspectivas, é que foi pensada a atividade de inserção em comunidades carentes do município de Catalão com uma turma do

¹ Bacharel e Licenciada em História, mestranda em História pela UFG – Regional de Catalão – Departamento de História e Ciências Sociais – Programa de Pós –graduação em História – Mestrado Profissional . Catalão – Goiás - Brasil (erizianehistoria@gmail.com)



1º ano do Ensino Médio do Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus,² como parte das atividades proposta para a disciplina de História.

O texto configura como um relato dessa experiência desenvolvida e teve como pano de fundo as dificuldades de interação entre a professora e os alunos/as da turma. Falta de interação esta que corroborou para o crescimento da indiferença em relação as aulas de História e conseqüentemente com um baixo rendimento.

A atividade foi pensada a partir das propostas da Educação histórica, campo do conhecimento que estuda as ideias históricas dos indivíduos no campo escolar, levando em conta a necessidade de estabelecer um vincula interativo entre os sujeitos envolvidos no processo de conhecimento. Apropriamo-nos da metodologia da “Unidade Temática Investigativa” Tendo como principal objetivo estabelecer significados aos conhecimentos históricos, de forma que os/as estudantes pudessem perceber a importância destes nas suas ações enquanto sujeitos sociais.

O Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus

Enquanto escola conveniada, todos os professores que lecionam no CMD (Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus) são vinculados a Secretaria de Educação do Estado. O colégio segue as determinações do calendário propostas pela Secretaria Estadual de Educação, mas tem autonomia para organizar o PPP (Projeto Politico Pedagógico). Este segue as orientações pedagógicas das escolas administradas pela Congregação das Irmãs Agostinianas Missionárias, que administram uma rede de Ensino espalhada em cinco Continentes. No Brasil as agostinianas administram colégios em algumas cidades dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Pará e Goiás. Em sua maioria atende uma clientela que faz parte da elite, mas entre estes há dois colégios conveniados com o estado. Um na Ilha do Marajó e o CMD em Catalão, com objetivo de acordo com as irmãs agostinianas de oferecer uma educação de qualidade para grupos com menos recursos.

Na prática alunos/as com pouco recurso não conseguiriam estudar no CMD, uma vez que este não é beneficiado pelos programas do governo, como o livro didático por exemplo. A manutenção do prédio da escola e os demais funcionários são de responsabilidade da

² O Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus é umas das escolas mais antigas de Catalão fundada em 1921 pela Congregação das Agostinianas Missionárias. Em 1994 fez convenio com o Estado de Goiás, para atender estudantes do 6ºano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.



Congregação, o que autoriza esta a cobrar uma mensalidade³ dos/as alunos/as e a adotar material didático⁴ que deve ser pago pelos/as alunos/as.

O Colégio adota o sistema de apostilado do UNO. As apostilas a serem trabalhadas são separadas pelos professores de acordo com as exigências do guia curricular de base nacional. Há um cronograma bimestral de cumprimento das apostilas que os/as professores/as devem seguir. O material tem um custo elevado o que faz com que os pais e a direção do colégio exijam o seu cumprimento na integralidade. De certa forma esta exigência norteia todo o sistema pedagógico, uma vez que aprisionam discentes e docentes nesse sistema de ensino.

O PPP do colégio aponta para uma educação voltada para o ser humano como um todo, no entanto as ações pedagógicas em sua maioria estão voltadas para o acesso de sua clientela a educação superior. Há que se cumprirem as normativas do sistema apostilado com aplicação de simulados e estabelecimento de gráficos de desenvolvimento disciplinar.

O CMD adota uma postura tradicional de ensino, mesclada com a adoção de tecnologia de ponta, com inserção de aulas dinamizadas com tabletes e projeções em telas e acesso a portais de interação.

Há uma estrutura rígida de disciplina e podemos dizer que em sua maioria os alunos se adequam as normas da escola, os que não conseguem acabam não permanecendo no colégio.

O colégio é reconhecido pela comunidade como uma alternativa entre as escolas públicas e particulares. Pois oferece um “ensino” com qualidade por um preço mais acessível. Concorre com as escolas particulares locais, pois sua inscrição institucional é de escola particular e nos últimos anos tem tido um alto índice de alunos/as aprovados/as em universidades públicas.

Como podemos perceber as práticas de ensino desenvolvidas no CMD se insere no campo das políticas públicas para a Educação e estão voltadas para atender as necessidades propostas pelo mercado.

Por tanto vale lembrar que a filosofia capitalista embutida em inúmeras ações educativas na maioria das vezes propõe caminhos que reforçam a ideologia do mercado e não respeitam as necessidades dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Logo é viável manter o diálogo entre a escola e a comunidade retomando valores que levem a uma reflexão contínuo do papel que cada cidadão deve desempenhar no seio da sociedade para que esta se

³ Atualmente a taxa estabelecida é de 110 reais mensais.

⁴ O material didático usado é o Sistema UNO. No ano de 2014, o material ficava em torno de 1.005 reais anual.



torne um espaço de igualdade, onde todos possam participar de forma autônoma e crítica influenciando-a produtivamente.

Relato da experiência

No ano de 2014 o CMD (Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus) contava com quatro turmas do primeiro do Ensino Médio, turmas “A”, “B”, “C” e “D”. Totalizando 148 alunos/as. Nas quais ministrava a disciplina de História.

A carga horaria para as aulas de história no ensino médio é reduzida,. São duas aulas de 50 minutos de duração por semana. Em contrapartida a grade curricular é muito extensa. Nesse sentido as atividades de estudo direcionado em casa é um dos aliados importantes para o desenvolvimento dos conteúdos em sala de aula. As perspectivas para o Ensino de História norteavam em torno do movimento histórico e não dos fatos. Por isso as atividades de estudo em casa direcionavam para o conhecimento dos fatos do assunto a ser discutido. O nosso interesse é que os/as alunos/as chegassem em sala de aula pelo menos com um conhecimento geral do conteúdo para que pudéssemos aproveitar o espaço da aula para aprofundarmos as concepções e os debates em torno do tema, no entanto o contato com a turma do 1º ano B mostrou-se difícil, delicado e exaustivo.

Durante todo o primeiro bimestre as relações travadas no interior daquela sala de aula foi conduzido por uma rejeição múltipla. Não havia interação entre os próprios/as alunos/as que se dividiam no que chamamos de “panelinhas” disputando o espaço de aprendizagem através de brincadeiras e rotulações. E não havia interação com a professora e por vez com a disciplina de História. As aulas eram tensas, como se houvessem uma disputa interna. Um cabo de guerra invisível em que cada um puxava pra um lado.

As aulas na maior parte das vezes eram expositivas, com pouca participação. Dos/as 42 alunos/as que estavam matriculados/as e frequentavam as aulas, duas meninas e um menino faziam as atividades propostas. Os outros copiavam uns dos outros ou colavam resumos retirados da internet nos cadernos sem ter se quer os lido. Era assustador. Às vezes o silêncio era o único som que se ouvia. O que não significa um interesse pelo assunto, e sim um total desânimo pelo que era apresentado. Era extremamente cansativo. As aulas pareciam ter o dobro do tempo. Discentes e docente se olhavam como se estivessem em universos separados.



No decorrer do primeiro bimestre, houve a tentativa de implantação de metodologias mais articuladas, que envolvessem uma maior participação dos/as alunos/as, no entanto, a rejeição de grande parte da turma em participar das atividades propostas, embora tivessem sido elaboradas diferentes estratégias corroboraram para organização de aulas simplistas e com poucos atrativos, que vez ou outra apresentavam como recursos alguns mapas ou imagens. O que contribuía para que à aversão as aulas de História aumentassem.

As conversas com outros colegas também professores/as da turma esclareceram que as dificuldades com a turma se estendiam para todas as disciplinas. Ao levarmos o problema a equipe pedagógica, esta estabeleceu junto aos/as alunos/as e pais uma série de sanções, que só serviram para ampliar o desgaste.

Ao final do bimestre a maioria da turma apresentava baixo índice de desenvolvimento que correspondia em baixas notas. No entanto os conflitos pareceram acalmar se em decorrência disso. Durante o PIA⁵ (Período de Intensificação de Aprendizagem) como muitos/as precisavam recuperar as notas professora, alunos/as tiveram que se dobrarem as necessidades e houve uma tentativa de melhoria das relações, mas o início do segundo bimestre não trouxe novidades. Continuaram os estranhamentos.

Diante disso em um primeiro momento resolvemos enquanto professora da turma fazer uma avaliação da nossa postura. Essa avaliação foi comparativa, pois nas outras três turmas de 1º ano em que também éramos docente na mesma escola as relações eram diferenciadas harmoniosas e produtivas. Não foi difícil concluir que a culpa eram dos/as alunos/as e não da professora, então resolvi desistir da turma e entregar as aulas.

Entregar a turma, não correspondia ao que desejava de fato. Colocar a culpa nos/as estudantes era o modo mais fácil para sanar o problema.

De acordo com ANASTASIOU, 2007 “O processo de apreensão, de conhecer, esta relacionado com o enredar, estabelecendo os nós necessários entre os fios a serem tecidos.” Os fios talvez tivessem sido tecidos ao avesso. Não houve uma urdidura que possibilitasse um enredar produtivo. Era preciso começar de novo.

Essa situação nos fez repensar nas relações que são construídas com o conhecimento. De acordo com (RÜSEN, 2001) há uma necessidade humana de estabelecer significados para

⁵ PIA (Período de Intensificação de Aprendizagem) é realizado na rede estadual em Goiás e também na rede municipal de Catalão como parte de recurso de recuperação de defasagem de aprendizagem. Alunos/as com rendimento abaixo da média passam por um período de reforço escolar, com retomada de conteúdos e submissão a uma nova avaliação que substitui as avaliações anteriores. Este período de reforço acontece sempre no final de cada bimestre e tem duração de uma semana.



o grupo do qual se participa, significados construídos a partir das experiências do passado, do presente e das expectativas que se imagina para o futuro da coletividade. A nosso ver estava faltando à construção destes significados. As aulas de História não faziam sentido para aquela turma. Tínhamos que construir juntos esses significados.

Resolvemos então diante do exposto estabelecer outra metodologia para as aulas de História a partir do proposto por BARCA (2004), seguindo os passos indicados pela metodologia da unidade temática investigativa: escolha da unidade temática a ser desenvolvida; a análise das ideias históricas iniciais dos/as alunos/as; proposta de intervenção; metacogitação das ideias construídas.

Tentamos estabelecer um diálogo com os/as alunos/as de forma que pudéssemos levantar as dificuldades destes com a disciplina.

As dificuldades apontaram para a falta de entendimento da disciplina de História enquanto algo que fizesse sentido pra eles/as. Outro ponto o distanciamento com a professora, no entanto estes não desejavam um remanejamento desta, pois as experiências anteriores tinham sido piores. Eles/as faziam referência as aulas do ensino fundamental que em sua maioria partiam de metodologia de leitura seguida de explicação. Para a maioria a disciplina de História representava um amontoado de fatos sem nenhuma ligação com a vida deles. Serviria apenas como escada para um próximo degrau: entrar para a faculdade.

Não havia nem uma surpresa no que eles/as expressaram, mas reforçava nossa total falta de habilidade e percepção. Tínhamos entrado na lógica da massificação do conhecimento. Preocupada em atender ao currículo e cumprir o cronograma do apostilado, deixamos de lado o construto das relações interpessoais. Não poderia ser mais contraditório para uma professora de História, que teria como uma das principais funções formar o individuo critico participativo e atuantes políticos e sociais.

O projeto de pesquisa e intervenção foi a nossa proposta para tentarmos mudar o enredo da sala de aula.

Tínhamos dois objetivos: aproximar-nos dos/as alunos/as, o que não tínhamos conseguido durante as aulas; dar sentido pratico para a disciplina de história.

Iniciamos a segunda etapa, proposta pela Unidade Temática Investigativa, a proposta de intervenção Neste sentido foi proposto aos/as estudantes do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Nossa senhora Mãe de Deus Catalão-GO a realização de projeto de intervenção e pesquisa em grupos de apoio a comunidade carente. No início a turma resistiu à proposta.



Fizemos então uma barganha modificando a forma de avaliação que dava maior peso as atividades do projeto. Como se sentiram beneficiados, eles/as abraçaram o projeto.

A proposta era de intervenção e pesquisa porque propunha que os/as alunos/as participassem de forma ativa dos projetos por um período de 30 dias e durante este tempo mapeassem os projetos trazendo informações sobre os mesmos. A partir das informações levantadas faríamos uma relação com os conteúdos a serem estudados em sala de aula com maior participação do grupo na condução das atividades. Para tanto os grupos teriam que organizar as informações para serem discutidas anteriormente com a professora, para estabelecerem juntos como isso poderia ser feito.

A escolha dos locais de pesquisa foi feita pelos/as alunos/as, a nossa única intervenção foi no sentido que fossem escolhidos grupos em horários que nos desse a condição de acompanhá-los.

Foram escolhidos três grupos que atendem realidades diferenciadas. O Projeto Mãozinhas de Maria, que trabalham com crianças e adolescentes, em uma área conhecida como Vilinha que faz parte do bairro Paineiras, localizado na periferia da cidade. O grupo de voluntárias de Santa Rita de Cássia, que reúnem nas dependências do Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus, formado por senhoras já aposentadas, que buscam angariar recursos como alimentos e roupas para serem distribuídos a população carente. E o Asilo São Vicente de Paulo, que acolhe idosos, que na sua grande maioria são abandonados por seus familiares e necessitam de cuidados especiais. Sendo que o projeto Mãozinhas de Maria recebeu dois grupos, um para acompanhar o projeto com crianças e o outro com adolescentes.

A participação ativa demandava conhecer o local, as pessoas envolvidas e contribuir com a proposta do projeto, auxiliando nas atividades desenvolvidas.

Na primeira visita, foi feito um levantamento da proposta de trabalho da instituição no caso do Asilo São Vicente de Paulo e dos projetos sociais dos grupos Mãozinhas de Maria e da Comunidade Santa Rita de Cássia. E das pessoas envolvidas com o projeto tanto colaboradores/as quanto beneficiados/as. A partir desse levantamento foram traçadas as formas de participação.

De modo geral, os alunos/as passaram a fazer parte das atividades que já existiam. Durante suas participações foram recolhendo dados que serviram como embasamento para os conteúdos das aulas de História.

A atividade apresentou um retorno muito interessante para o direcionamento dos conteúdos em sala e possibilitaram novos olhares para a disciplina de História.



A pesquisa com a irmandade Santa Rita de Cassia apontou para uma visão assistencialista da sociedade. Os/as oito alunos/as que participaram deste grupo descobriram que as senhoras recebiam muitas doações, mas as limitações físicas que estas tinham por conta da idade já avançada tornava o trabalho lento. Elas não conseguiam organizar e separar as doações para serem distribuídas, por isso muitos alimentos perdiam antes de serem distribuídos. Ao conhecerem a realidade da irmandade fizeram a intervenção auxiliando na organização das doações. Como as reuniões aconteciam apenas uma vez por semana, eles/as propuseram a presidente da irmandade, a realização de mutirão com duração de uma semana para organizar e distribuir as doações.

O projeto Mãozinhas de Maria, do qual fizeram parte 20 alunos e alunas despertou para uma leitura mais crítica. Conviveram com crianças sem o mínimo de recursos básicos como alimento, vestimenta e um teto adequado. Adolescentes que abandonaram a escola por falta de perspectiva, em troca de um trabalho de baixa remuneração ou pela facilidade acenada pelo tráfico e roubo. A atividade de intervenção teve como primeira proposta atividades assistencialistas, mas rapidamente descobriram que era apenas uma minimização temporária do problema, propuseram então auxiliar as coordenadoras do projeto no sentido de convencer alguns adolescentes a voltarem a estudar. Conseguiram que dois voltassem a frequentar as aulas. No dia do projeto passaram, chegar uma hora mais cedo para ajudar as crianças com dificuldades na escola.

O trabalho no Asilo São Vicente de Paulo despertou nos/as 14 alunos/as envolvidos/as uma grande “compaixão” pelo próximo. A intervenção foi no sentido de auxiliar os idosos com sua alimentação, caminhada pelo pátio e ouvir suas histórias. Em um primeiro momento iam aos sábados para conversar com os idosos, depois resolveram se dividir e distribuir as visitas em dois dias da semana. Foram surpreendidos por uma senhora com a doença de Alzheimer que relatava sempre a mesma história, lhes contando sobre a vida na “roça” e a mudança para a cidade.

Nosso intuito era pensar a partir dos elementos levantados na pesquisa os diferentes contextos que influenciam os sujeitos sociais na sua prática e usar estes elementos para entendermos os múltiplos contextos a serem estudados no 1º ano, relacionando suas pesquisas aos conteúdos de História e aos poucos estabelecer significado prático aos conhecimentos históricos.



As informações colhidas foram debatidas em sala de aula e nos possibilitaram a observas as ideias dos/as alunos/as construídas sobre a disciplina de História e a pensar sobre a nossa ideia de Ensino de História, o que BARCA chama de metacogação.

As pesquisas e intervenções serviram como eixo norteador de vários conteúdos, inclusive retomando temas já estudados como as formas de organização social, que foi trabalhada a partir da realidade social apresentada pelo grupo que trabalhou no projeto Mãozinhas de Maria. A formação e a expansão urbana; o cultivo e a produção de alimentos trabalhados através das informações que trouxeram os que pesquisaram no Asilo São Vicente de Paulo. Aproveitamos ainda a pesquisa com o grupo de Santa Rita de Cassia para iniciarmos as discussões sobre Reforma Religiosa.

As informações trazidas pelas histórias da senhora com a doença de Alzheimer, fomentou a discussão sobre êxodo rural no Brasil na década de 1960 e o grupo fez uma pesquisa extensa sobre o assunto e conduziu as discussões na sala de aula.

A resposta dos/as alunos/as a participação no projeto foi imediata. Depois de duas semanas já estavam a vontade auxiliando nas atividades internas dos projetos. Quanto a participação em sala de aula ouve uma considerável melhora. Passaram a ter muito o que falar. Fazer comparações e citar exemplos. As aulas ficaram nitidamente mais produtivas. Sessenta por cento dos/as alunos/as passaram a realizar as atividades de estudo propostas.

A disciplina de História passou a fazer sentido. Como podemos observar nos depoimentos de alguns/mas dos/as alunos/as

“...para nós a disciplina de História, a qual o principal objetivo é trabalhar o individuo nas suas relações sociais, ajudando-nos para que convivamos com uma sociedade aberta e disposta a estar sempre em transformação.”⁶

“Conhecer a História das sociedades nos ajuda a pensar na nossa vida e no mundo que fazemos parte. Só podemos ter um futuro certo se conhecermos com firmeza nossa própria história que não é só nossa é de todos os que nos ajudaram a chegar até esse momento. Mudando o jeito de ver o mundo a gente melhora o nosso”⁷

“Eu pensei que não precisava da História pra nada, mas agora vejo o tanto que a História é importante. A nossa sociedade foi construída pelos princípios e regras dos que vieram antes de nós. O cristianismo por exemplo surgiu através da religião

⁶ Este trecho foi retirado dos relatórios que os alunos/as fizeram sobre sua participação no projeto.

⁷ Idem

do Judaísmo, mas esta não foi a primeira religião monoteísta, mas foi a que teve mais difusão e influenciou as que vieram depois dela.”⁸

Podemos perceber nessas falas que estes/as estudantes já atribuem significado ao conhecimento histórico. De acordo com Rüsen (2001).

a base do conhecimento histórico é a consciência histórica. Os indivíduos possuem experiências passadas e as interpretam como história, a compreensão desse passado instrumentaliza o indivíduo para que ele possa caminhar no tempo e compreender seu presente de forma significativa (RÜSEN, 2001, p. 57).

Essa atribuição de significados foi construída através das experiências vividas nos grupos de pesquisa e nas atividades concretas que estas experiências salientaram nas aulas de História. A História passou a fazer sentido a medida que os/as estudantes estabeleceram uma relação entre sua prática e os conhecimentos históricos.

As atividades foram pensadas em torno de um cronograma com duração de 30 dias. Mas dois grupos manifestaram o desejo de continuar com as atividades. No segundo semestre ocorreu um problema interno na escola em que duas alunas se acidentaram durante a feira de ciências. A direção resolveu cortar todos os projetos que considerava representar alguma forma de risco para os estudantes, entre eles o nosso foi cortado. Argumentamos, buscamos apoio junto aos pais, a turma se organizou, mas a direção da escola foi irredutível. O projeto deixou de existir como parte das atividades da disciplina de História, mas como era desejo de grande maioria dos/as alunos/as eles/as continuaram fazendo parte das atividades como voluntários/as no grupo Mãozinhas de Maria e outros passaram a ajudar o projeto “Crescer Bem” localizado no bairro Jardim Paraíso, que também atende crianças carentes.

Para que o trabalho fosse desenvolvido acabamos nos envolvendo uns com os outros. Muitos pais levavam os filhos aos locais do projeto por isso houve uma aproximação entre as famílias. Como estive presente em muitos momentos nos projetos nossa aproximação aumentou consideravelmente e o distanciamento foi desaparecendo.

Havia sempre novidades para serem compartilhadas. E a atenção na sala de aula aumentou. O aluno “A” escreveu em seu relatório que “a relação com as pessoas e amigos virou outra, tem mais respeito e o julgamento que existia antes não existe mais. Estamos cientes que cada um carrega consigo uma história”

⁸ Idem



As relações na sala de aula se modificaram e se tornaram mais produtivas, porque a relação entre as pessoas que estavam envolvidas na sala de aula passou a ser observada de maneira diferenciada. Ao dizer “tem mais respeito” o aluno atribui uma importância aos que estão naquele espaço. Esse respeito passa a mediar as relações entre os sujeitos. Só possível através do diálogo que foi estabelecido entre a escola e a comunidade. De acordo com Rüsen (2001) o conhecimento histórico resulta das ações humanas “que agem e sofrem as consequências das ações dos outros, de orientar-se em meio às mudanças que experimentam em seu mundo e em si mesmos”. (RÜSEN, 2001, p.12)

CONCLUSÃO

A sala de aula não é um simples espaço de transmissão de informações, mas antes um ambiente de vivências, de experiências, de relações entre professor/a e alunos/as, construindo sentidos, significados, tanto para alunos/as como para professores/as.

Devemos ter em mente que se queremos indivíduos críticos, autônomos, participativos, devemos orientar nossas ações educacionais pelo princípio da refletividade, pois necessitamos urgentemente de sistemas educacionais concretos capazes de fazer parte da realidade e influenciá-la produtivamente. Deve-se ir além das fronteiras do conhecimento e adentrar na realidade, assimilando valores como amizade compromisso e fraternidade, tendo como alicerce o respeito ao outro, seja ele quem for.

Para dar conta desse “enredamento”, há que se superar as dificuldades vencendo a simples memorização. O estudante tem que ativamente refletir, no sentido de dobrar-se de novo e de novo – tantas vezes quanto seja necessário – para apropriar-se do quadro teórico-político objetivado pelo professor e pela proposta curricular, em relação a realidade visada no processo de ensino (Anastasiou, Lea das Graças Camargo, 2007 pag 21).

Nesse sentido a prioridade é o que se aprende em conjunto, valorizando tanto os saberes dos/as professores/as, quanto dos/as alunos/as. Faz-se necessário, então, que o processo do conhecimento seja dinâmico e flexível para atender a diversidade e a complexidade que a sociedade atual exige.



No contexto da globalização, é necessário formar sujeitos capazes de respeitar a identidade, a cultura, a história, a religião e sobretudo as dores os sofrimentos e as necessidades dos outros, na consciência de que devemos crescer autenticamente como pessoas que se diferenciam dos outros animais pela capacidade de socialização e não pelo instinto do ter e do poder. Usando as palavras da Aluna “E”.

“Mas nos deparamos com todos aqueles idosos, escutar histórias deferentes, ver pessoas sofridas, olhos cansados, pés rachados, sentimentos feridos e principalmente corações carentes. Ficamos verdadeiramente encantados com aqueles idosos que foram abandonados e que de alguma forma tinham esperanças de ainda saírem dali,”

Dessa forma a educação formal, deve utilizar-se de recursos que vão além dos conteúdos curriculares para contribuir com o conhecimento da vida social e auxiliar na formação de cidadãos conscientes tanto dos seus direitos quanto dos seus deveres, conscientes de que o respeito ao outro é o princípio primordial para que as coisas funcionem bem em qualquer lugar.

Pensar estratégias para o Ensino de História que proporcione a alunos e alunas refletir de forma ativa sobre os conhecimentos históricos pode contribuir para um aprendizado mais significativo.

Bibliografia

ANASTASIOU, Léa da Graça C. Estratégias de Ensino; In Processo de Ensino na Universidade: Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula, 7ª Ed. Joinville, SC. UNIVILLE, 2007

BARCA, I. Aula Oficina: do projecto à avaliação. In. Para uma educação histórica de qualidade. **Acta s das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica**. Braga (PT): Ed. Universidade do Minho, 2004.

BUFFA, Ester; NOSELLA, Paolo. A educação negada. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1967.



RÜSEN, J. Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.